

“LER OU NÃO LER, EIS A QUESTÃO”: O USO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Cláudia Sales de Alcântara *

Resumo: Atualmente as histórias em quadrinhos são mais aceitas como produção artística e cultural por parcelas cada vez maiores da sociedade. Esse trabalho as trata como uma ferramenta educacional muito eficaz, possuindo a capacidade, através do seu currículo cultural, de divertir, transmitir uma forma de ser, sentir, viver e se comportar no mundo, podendo ser utilizadas de maneira interdisciplinar nos diversos conteúdos escolares, inclusive no ensino de história. Como referencial teórico será utilizada a idéia de cultura defendida pelos Estudos Culturais britânicos, da Universidade de Birmingham, que se preocuparam com produtos da cultura popular e dos *mass media* que expressam os sentidos que vêm adquirindo a cultura contemporânea. Nosso desejo é que cada vez mais as histórias em quadrinhos conquistem espaço na literatura escolar, mas, sabemos que para isso existe um caminho a ser percorrido.

Palavras-chave: histórias em quadrinhos; história; cultura.

Abstract: Currently, the comics are more accepted as artistic and cultural production by increasingly larger portions of society. This work treats the comics as a very effective educational tool, with the ability, through its curriculum cultural, to fun, provide a way to be, feel, live and to behave in the world, so can be used in various interdisciplinary educational content, including the teaching of history. Will be used as theoretical reference the idea of culture advocated by the British Cultural Studies, University of Birmingham, which is concerned with products of popular culture and mass media to express the meanings that are acquiring the contemporary culture. Our wish is that more and more comics win space in the school literature, but to know that there is a path to be traveled.

Key-word: comics; history; culture.

Introdução

Vivemos atualmente o que poderíamos chamar cultura da imagem. As imagens há muito tempo já eram muito utilizadas como recurso de transmissão de informações nos períodos históricos em que a maioria da população era analfabeta; a grande questão na atualidade está exatamente no que diz respeito a sua reprodutibilidade. Antes a imagem dependia de um único suporte para existir, contudo, hoje a imagem pode se reproduzir em uma infinidade de suportes, que se dá pelas mídias, os meios de comunicação de massa¹.

* Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: claudia.comunicacao@gmail.com

¹ Podemos citar como veículos de comunicação de massa a televisão, o rádio, a internet, os jornais, as revistas – onde estão incluídas as histórias em quadrinhos – entre outros. Contudo, este conceito não se refere diretamente aos veículos (televisão, jornais, rádio...), mas, sim, ao uso dessas tecnologias por parte da classe dominante. Todos eles têm como principal função informar, educar e entreter de diferentes formas, com conteúdos selecionados e desenvolvidos para seus determinados públicos.

Entre os diversos meios, ou mídias que as imagens possuem como suporte, encontramos as histórias em quadrinhos.

As histórias em quadrinhos são enredos narrados, quadro a quadro, por meio de imagens e textos que utilizam o discurso direto, característico da língua falada. A construção da história em quadrinhos possui em seu texto escrito, características próximas a uma conversação face a face, além de apresentar elementos visuais (imagens) complementadores à compreensão, tornando-a bastante prazerosa, pois a sua leitura causa no leitor um determinado fascínio devido à combinação de todos esses elementos (MARINHO, 2003).

Assim, as histórias em quadrinhos são mais do que simples mediadoras de informação; elas possuem a capacidade de facilitar o aprendizado e a apreensão de conceitos mais complicados. De acordo com Álvaro de Moya (1994:150):

A seriação de quadrinhos, que se assemelha a uma lenta projeção cinematográfica – ou a cenas fixas, de uma singela peça de teatro –, pode considerar-se, na medida solicitada pela mente infantil, adequada ilustração do texto; na realidade, assume o caráter de verdadeiro relato visual ou imagístico, que sugestivamente se integra com as rápidas conotações do texto escrito, numa perfeita identificação e entrosamento das duas formas de linguagem: a palavra e o desenho.

Ao ler um livro, somos levados a imaginar segundo a descrição do autor, os personagens, paisagens, sons, etc. Porém, nas histórias em Quadrinhos nós já possuímos esses elementos facilitados pelo trabalho do quadrinista. São coisas que nós acrescentamos em um processo cerebral extremamente particular e embora pareça complexo, quem já leu uma História em Quadrinhos sabe que involuntariamente somos chamados para o convívio do modo de ver do autor e sua trama.

Este artigo mostra historicamente como os quadrinhos foram tratados pela sociedade brasileira como uma sublitteratura e uma mídia nociva ao desenvolvimento psicológico e cognitivo de quem as consumisse. Contudo, num país onde a educação permanece uma das áreas mais fragilizadas, com investimentos insuficientes e professores buscando alternativas para despertar o interesse dos alunos, esse trabalho percebe que a utilização das histórias em quadrinhos pode se constituir em opção eficiente, de baixo custo, pois são um veículo de comunicação mais versátil em temas e tratamentos gráficos do que “os textos chamados escolares”². São constituidoras de identidades culturais, na medida em que são consumidas por crianças e adultos.

² Chamo de textos escolares, aqueles que só circulam na escola, como o livro didático, por exemplo.

As histórias em quadrinhos e a educação brasileira: uma parceria cheia de conflitos

Como já foi dito, historicamente, os quadrinhos, de modo em geral, têm sido tratados pela sociedade como uma subliteratura, uma mídia nociva ao desenvolvimento psicológico e cognitivo de quem as consome. No Brasil em 1928, surgiram as primeiras críticas contra os quadrinhos. Por acreditarem que os tais incutiriam hábitos estrangeiros nas crianças, a Associação Brasileira de Educadores – ABE – fez um protesto contra as HQ. Em 1939, diversos bispos da cidade de São Carlos, em São Paulo, se propuseram a censurar aos quadrinhos por estes conterem, na opinião daqueles, temas estrangeiros que eram prejudiciais às crianças.

A situação piora em 1944, quando o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos – INEP – apresentou um estudo, sem muita fundamentação, afirmando que os quadrinhos provocavam “lerteza mental”. Estes estudos tiveram um efeito desastroso para os quadrinhos que tiveram sua leitura proibida em muitos estabelecimentos de ensino.

Essa “perseguição” aos quadrinhos foi ainda ampliada em 1946, pelo jornalista Carlos Lacerda. Este criticou a proliferação do cinema, do rádio e das histórias em quadrinhos no primeiro Congresso de Escritores. De acordo com Lacerda estas mídias traziam prejuízo às crianças, e em especial as HQ, que eram “veneno importado”. Esse discurso ganha mais força em 1948, graças a uma campanha contra os quadrinhos promovida pelo empresário Audálio Dantas, dono do jornal *Diário de Notícias* e rival de Roberto Marinho que publicava em seu jornal *O Globo* inúmeras tiras de quadrinhos.

Em 1953, os jornais de Porto Alegre publicaram várias reportagens preconceituosas contra os quadrinhos. Mas o pior ainda estava por vir. No ano seguinte, em 1954, o psicólogo americano Frederic Werthan publica o livro, *Seduction of the innocent* (Sedução dos inocentes) onde afirmava que os quadrinhos provocavam comportamentos anormais, tais como tendência ao crime e homossexualismo, nas crianças.

Werthan chegara a tais conclusões por meio de pesquisas dentro das penitenciárias onde pode constatar que a maioria dos criminosos que estavam presos lia gibis.

Além dessa brilhante constatação, ele dizia que os quadrinhos incentivavam às crianças a se tornarem gays. Temos, por exemplo, suas análises sobre Batman e Robin. Um homem mais velho que usava roupas apertadas e só batia em outros homens, como uma espécie de negação/compensação, ou seja, se sentia atraído por homens, mas não queria reconhecer, transformando a atração em agressividade. Além disso, tinha ao seu lado um adolescente de pernas à mostra e roupas coloridas; afirmava, também, que a Mulher-Maravilha era lésbica,

pois vinha de uma ilha de mulheres; até as orelhas do Pernalonga foram comparadas com os órgãos sexuais masculinos. O impacto deste livro foi tão grande que pais e professores queimaram literalmente várias histórias em quadrinhos. O governo americano criou, então, um “código de ética” que, na prática, funcionava como uma censura prévia dos quadrinhos.

No Brasil, em consequência disso, o Senado Brasileiro em 1955, proibiu publicações e imagens consideradas “obscenas e imorais”, e determinou que 50% dos quadrinhos vendidos aqui fossem feitos por artistas nacionais. Em 1961, o Brasil também cria seu “código de ética” e, em 1963, novamente o governo determina que 60% dos quadrinhos devem ter autoria nacional.

Concordamos com a afirmação de Gilberto Freyre (apud CARVALHO, 2006:34) que o importante é perceber que as histórias em quadrinhos, por si só, não são boas, nem ruins. O que é bom ou ruim é o uso que se faz delas. Ou ainda, como afirma Cirne (1990:24):

Será que a cultura de massa leva necessariamente à “atrofia da imaginação” e “acaba por colocar a imitação como algo absoluto”, como querem Adorno e Horkheimer? Não o cremos. Se Mickey, Tio Patinhas, Super-Homem, o primeiro Tintim, Homem-Borracha, Homem de Ferro, Aminha - a órfã, mistificam o conhecimento, ideologizam as relações culturais e empobrecem o discurso artístico, as criações de Feifer, Eisner, Pratt, Wolinski, Crumb, Moscoso, Moebius, Corben, Henfil, Ziraldo, Luiz Gê, Laerte Coutinho, Paulo Caruso se abrem para a reflexão crítica, para as possibilidades estéticas dos quadrinhos, para a visão criadora do mundo.

Nos nossos dias, de acordo com a Constituição Federal de 1988, não existe nenhum código ou lei que limite o conteúdo das histórias em quadrinhos. Em seu artigo V, estabelece o direito à liberdade de expressão, contudo, veremos nos capítulos seguintes que esta liberdade é questionável.

As histórias em quadrinhos e a educação: uma parceria possível

A comunicação tem favorecido o relacionamento econômico, o diálogo político e possui um papel cultural importante. A revolução nas comunicações representa um avanço para a integração mundial.

Esse contexto de mudanças e globalização, onde percebemos a evolução dos meios de comunicação e o desafio da preservação da cultura e da identidade, tem buscado respostas em novos modelos curriculares que ofereçam algumas respostas a um complexo panorama cultural, evidenciando novas exigências de qualificação que apontam, inclusive, para a

avaliação do desempenho do professor. Assim, são colocadas algumas exigências ao educador. O mesmo deve ser capaz de:

*(...) motivar os sujeitos cognoscentes; desenvolver autonomia nos alunos; envolvê-los em processos multidisciplinares; promover o engajamento cognitivo; apresentar postura de comunicador; **empregar harmoniosamente as novas mídias no processo pedagógico; diversificar fontes de informações (jornais, TV, revistas, livros didáticos, internet, etc.);** atribuir coerência e contexto aos conhecimentos propostos aos alunos; mostrar-se dinâmico, entusiasmado, engajado; desenvolver a criatividade dos alunos; ser criativo; dominar o conteúdo programático, percebendo-o mais aberto e não hermético; criar e contextualizar conhecimentos juntamente com os alunos (VIDAL, MAIA E SANTOS, 2002:20, grifo nosso).*

Neste sentido, é necessária a preparação de um contexto escolar que utilize esses novos recursos como instrumentos de melhoria do processo ensino-aprendizagem, buscando compreender a utilização destes na formação do aluno.

Devemos também considerar o currículo de modo ilimitado que transcende o âmbito escolar, a educação formal, pois a formação do ser humano não acontece somente na escola. Faz-se necessária uma nova definição e compreensão de currículo que abrace um conjunto de informações, valores e saberes, por intermédio de produtos culturais³ que atravessam o cotidiano dos indivíduos e interferem em suas formas de aprender, de ver, de pensar, de sentir – a isto chamamos de currículo cultural.

Essa perspectiva de currículo cultural possui como fundamento a idéia de cultura defendida pelos Estudos Culturais britânicos, da Universidade de Birmingham. Estes estudos preocuparam-se com produtos da cultura popular e dos *mass media* que expressam os sentidos que vêm adquirindo a cultura contemporânea. Utiliza-se da fenomenologia, etnometodologia e interacionismo simbólico, e do ponto de vista metodológico preferem a pesquisa qualitativa. “Numa definição sintética, poder-se-ia dizer que os Estudos Culturais estão preocupados com questões que se situam na conexão entre cultura, significação, identidade e poder”. (SILVA, 2002:134).

É exatamente pelo seu compromisso com a sociedade, a história, a cultura e a política que este campo tem contribuído de maneira significativa para os estudos em educação,

³ Podemos chamar de produtos culturais os produtos gerados das capacidades intelectual e manual humana e que possibilitaram a sobrevivência. Os produtos culturais são aqueles gerados dos mecanismos nos mais variados processos produtivos e aqueles gerados da dimensão social presente nas relações humanas. Nesse sentido, torna-se ente cultural o museu, o quadro de famoso e do não famoso pintor; são expressões culturais os óculos que se usam no cotidiano, a caneta, a ferramenta de trabalho, o computador, uma peça teatral, um trator, um ‘software’, as técnicas educativas de organização social, o processo de produção de conhecimento, as mídias e a tecnologia. Todos estes entes são frutos do processo produtivo e resultante da dimensão manual e da dimensão intelectual da espécie humana.

mostrando que vários produtos e práticas culturais possuem valor pedagógico, não ficando esta restrita ao âmbito escolar. Como diz Steinberg (1997:102), “lugares pedagógicos são aqueles onde o poder se organiza e se exercita tais como bibliotecas, TV, filmes, jornais, revistas, brinquedos, anúncios, videogames, livros, esportes, etc.”.

O que distingue os Estudos Culturais de disciplinas acadêmicas tradicionais é seu envolvimento explicitamente político. As análises feitas nos Estudos Culturais não pretendem nunca ser neutras ou imparciais. Na crítica que fazem das relações de poder numa situação cultural ou social determinada, os Estudos Culturais tomam claramente o partido dos grupos em desvantagem nessas relações. Os Estudos Culturais pretendem que suas análises funcionem como uma intervenção na vida política e social. (SILVA, 2002:134).

Desta forma, a proposta de currículo aqui empregada compreende todo o conhecimento na medida em que este se compõe num sistema de significado, cultural e vinculado a questões de poder, abrindo precedentes para a compreensão de que instâncias como museus, cinema, televisão, histórias em quadrinhos, músicas, shows, entre outros, sejam considerados como instâncias culturais capazes de formar identidade e subjetividade.

A maioria dos estudos realizados no campo educacional esteve por muito tempo voltado para a instituição escolar como espaço privilegiado de operacionalização da pedagogia e do currículo. Hoje, entretanto, torna-se imprescindível voltar à atenção para outros espaços que estão funcionando como produtores de conhecimentos e saberes, e a mídia é apenas um desses exemplos.

A apropriação dos recursos midiáticos pelo professor, o aluno e a escola é fundamental nesta era de globalização. Contudo, a questão é: “como se apropriar dessas novas mídias?” Ao mesmo tempo em que desenvolvemos qualquer recurso didático é necessário haver a sensibilização e aceitação do professor, para que ele não recue ou rejeite esta nova possibilidade, vendo-a como aliada; algo que vai ajudar-lhe em sua prática.

Neste contexto, as histórias em quadrinhos representam hoje um meio de comunicação de massa de grande penetração popular. Elas transmitem ao leitor (aluno) conceitos, modos de vida, visões de mundo e informações científicas. Trazem temáticas que têm condições de serem compreendidas por qualquer estudante, sem a necessidade de um conhecimento anterior específico ou familiaridade com o tema. As estratégias de divulgação que elas usam apresentam grande potencial por uma série de razões, entre elas: o preço; a popularidade do meio; a sua linguagem, cujos signos são facilmente decodificáveis por diversos tipos de pessoas de diferentes culturas; o fato dos quadrinhos estarem já associados ao divertimento, o que diminui a aversão que o leitor normal costuma ter a estratégias de divulgação.

As histórias em quadrinhos, assim como os demais veículos de comunicação de massa, são uma tendência do nosso tempo e a sua utilização para fins pedagógicos é uma possibilidade que não podemos mais ignorar. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB e o Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN percebendo isso, sugerem a utilização das histórias em quadrinhos como recurso didático-pedagógico. Vejamos o que afirma o PCN para o Ensino Fundamental referente à seleção de material:

Todo material é fonte de informação, mas, nenhum deve ser utilizado com exclusividade. É importante haver diversidade de materiais para que os conteúdos possam ser tratados da maneira mais ampla possível.

O livro didático é um material de forte influência na prática de ensino brasileira. É preciso que os professores estejam atentos à qualidade, à coerência e a eventuais restrições que apresentem em relação aos objetivos educacionais propostos. Além disso, é importante considerar que o livro didático não deve ser o único material a ser utilizado, pois a variedade de fontes de informação é que contribuirá para o aluno ter uma visão ampla do conhecimento.

Materiais de uso social frequente são ótimos recursos de trabalho, pois os alunos aprendem sobre algo que tem função social real e se mantêm atualizados sobre o que acontece no mundo, estabelecendo o vínculo necessário entre o que é aprendido na escola e o conhecimento extra-escolar. A utilização de materiais diversificados como jornais, revistas, folhetos, propagandas, computadores, calculadoras, filmes, faz o aluno sentir-se inserido no mundo à sua volta. (PCN, 2008:1)

O PCN nos mostra que diante das inúmeras fontes de informação que possuímos hoje, a exclusiva utilização do livro didático é uma limitação do professor, uma vez que o aluno tem acesso a esses diversos veículos: a televisão, a internet, o rádio, o jornal e as histórias em quadrinhos. Por isso, é urgente a apropriação desses artefatos pelo professor e as editoras dos livros educacionais.

Algumas editoras de livros paradidáticos já perceberam a eficácia das histórias em quadrinhos como recurso que proporciona uma aprendizagem prazerosa e dinâmica. A editora IBEP, Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas, com as séries de Julierme de Abreu e Castro, geógrafo e historiador (1931-1983), publica na década de 60 os primeiros quadrinhos com objetivos paradidáticos ou didáticos. O primeiro livro é de 1967, de geografia e 1968 foram lançados os livros de história.

Desde então podemos citar várias obras que tinham como objetivo utilizar da linguagem dos quadrinhos com fins pedagógicos. Temos, por exemplo, *A guerra holandesa em 1942* pela EBAL; clássicos da literatura como *O guarani e Casa grande e senzala*, também pela EBAL; em 1980 o Centro de Estudos do Trabalho – CET editou a coleção *Cadernos do CET*, que continha temas como a reforma agrária, constituinte, etc; em 1985 temos o clássico *Guerra dos Farrapos* pela L&P; em 1990, Ziraldo publica *Chega de enchentes*, um gibi

distribuído nas favelas do Rio de Janeiro que ensinava como evitar enchentes e deslizamentos de terra nos meses de verão; em 1999 a prefeitura de São Paulo distribuiu o gibi *As aventuras de Caetaninho*, onde ensinava como combater as pichações; entre outras iniciativas que poderíamos ainda citar.

O primordial é captar a importância e a riqueza das histórias em quadrinhos, percebendo o caráter lúdico dessas publicações, suas histórias recheadas de aventuras e situações cômicas, a contextualização histórica, a linguagem, a geografia, a fauna e a flora dos locais referidos e até mesmo os hábitos e costumes que podem ser facilmente apreendidos pelo aluno.

É preciso que os educadores estejam abertos a estas novidades, para novas compreensões, sem preconceitos, sabendo incorporar e transcender os conhecimentos que surgem da racionalidade técnica – como abordam Levy (1998) e Gilberto Freyre (1981). Uma abertura para a aceitação não pelo simples consentimento, mas pela concordância coerente, refletida, praticada. Desta forma, serão capazes não só de utilizarem as histórias em quadrinhos como recurso didático, mas de todas as novas mídias e tecnologias de comunicação e informação.

Histórias em quadrinhos no ensino de história

Embora encontremos o uso de *charges* e cartuns nos livros didáticos de história, para ilustrar seu conteúdo, a utilização de histórias em quadrinhos para o ensino desta disciplina ainda é precária. Dentre os poucos exemplares encontramos a série *Redescobrimo o Brasil*, do início dos anos 1980, da editora Brasiliense. Esta série mostrou que é possível utilizar as HQ para ensinar história de modo crítico e reflexivo.

De acordo com Vilela, no livro *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula* (2006:109-111), a utilização das HQ no ensino de história pode ocorrer sob diferentes enfoques:

A. Para ilustrar ou fornecer uma idéia de aspectos da vida social da comunidade do passado. Nesse caso seriam utilizados os quadrinhos considerados “históricos”, isto é, ambientados em épocas muito anteriores àquela em que foram criados. Dois bons exemplos são os álbuns A Guerra dos Farrapos (...) e Adeus, amigo brasileiro (...).

B. Para serem lidos e estudados como registro da época em que foram produzidos. Exemplo: os quadrinhos de autores underground da década de 1960 (...) fazem alusão aos movimentos de contestação e contracultura da época.

C. Para serem utilizados como ponto de partida de discussões de conceitos importantes para a História. Exemplo: as aventuras de Conan, o Bárbaro, apesar de ambientadas em países fictícios e numa época imaginária (...) têm como fonte de inspiração culturas e civilizações que existiam na Antiguidade, podendo se construir num excelente ponto de partida para debater e questionar os conceitos de “bárbaro”, e de “civilizado”.

Existem, todavia, histórias em quadrinhos que podem ser trabalhadas em sala sob os três enfoques mencionados; é o caso, por exemplo, das histórias de *Asterix*. Elas tanto podem servir para ilustrar épocas (exemplo: Roma Antiga), como registro da época em que foram criadas (suas piadas são uma metáfora dos ingleses e da Inglaterra nos dias atuais) e como podem servir de ponto de partida para discutir conceitos importantes (exemplo: dominação e resistência).

Ao levar para sala de aula uma história em quadrinhos, o professor deverá sempre investigar previamente seu conteúdo, autores, época em que foi escrita, quando e onde foi produzida, por quem o autor fala (ideologia), a quem se destina, qual sua finalidade, etc para que haja planejamento adequado, boa utilização e bons resultados. Assim, as HQ poderão ser mais do que um simples suporte de um determinado conteúdo.

Outro aspecto interessante é que nem todas as histórias em quadrinhos são ficções; muitas possuem caráter autobiográfico, ou semi-autobiográfico, o que é excelente para trabalhar o conceito de ‘memória’. Um exemplo é a HQ *Maus*, história que relata a vida do pai do autor, um judeu polonês, durante o nazismo. Esta obra foi a primeira HQ a ganhar o prêmio *Pulitzer* de Literatura, em 1992.

Outro conceito interessante que pode ser trabalhado com os alunos é o ‘anacronismo’. Muitas histórias, como por exemplo, o *Príncipe Valente*, atribuem a uma época, a um personagem da história, sentimentos e costumes que são próprios de outra época. No caso do *Príncipe Valente*, os anacronismos são utilizados de modo planejado a fim de criar um mundo de fantasia e reinos fictícios; entretanto, a matéria-prima para suas histórias foi constituída de História (Idade Média).

Por fim, é importante ressaltar que os professores ainda podem estimular seus alunos a construir suas próprias HQ em sala de aula. Nesta atividade, pode ser desenvolvido o hábito da pesquisa, escrita narrativa e dissertativa, leitura, interpretação de textos, etc e assim trabalhar de forma interdisciplinar os conteúdos escolares. Além disso, atividades como estas estimulam a criatividade dos alunos.

Considerações

Nossa tentativa foi apresentar as histórias em quadrinhos como uma produção artística e cultural de grande influência na sociedade. Produção esta que permite a reflexão sobre valores, atitudes e riqueza histórico-cultural, promove a valorização de nossa gente e que

contribui de modo interdisciplinar para uma compreensão reflexiva e mais prazerosa dos conteúdos escolares, fazendo que os preconceitos ainda existentes e resistentes possam cada vez mais ser superados.

Sabemos, porém, que ainda existe um grande caminho a ser percorrido até que os quadrinhos representem de fato um material expressivo nos diversos ambientes educacionais. Contudo, da mesma forma como vários preconceitos foram questionados e muitos outros superados, é que esperamos que cada vez mais os quadrinhos possam adentrar às portas dos colégios e dos diversos ambientes escolares com muito mais facilidade do que antes, sendo recebidos por profissionais preparados – professores, diretores, orientadores pedagógicos, coordenadores – e dispostos a agregar-lhes valor por meio do trabalho docente.

Referências

CARVALHO, Djota. *A educação está no gibi*. Campinas: Papyrus, 2006.

CIRNE, Moacy. *Bum! - A explosão criativa dos quadrinhos*. Petrópolis: Vozes, 1970.

_____. *História e crítica dos quadrinhos brasileiros*. Rio de Janeiro: Europa: FUNARTE, 1990.

FREYRE, Gilberto. *Pessoas, coisas e animais. 1ª série: ensaios, conferências e artigos/reunidos e apresentados por Edson Nery da Fonseca*. 2. ed. Porto Alegre - Rio de Janeiro: Globo, 1981.

MARINHO, Elyssa Soares. [Histórias em quadrinhos, a oralidade em sua construção](#). In: Congresso Nacional de Linguística, 3, 2004, Rio de Janeiro. III Congresso Nacional de Linguística e Filologia e I Congresso Internacional de Estudos Filológicos e Linguísticos, Rio de Janeiro: 2004. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno12-11.html>>. Acesso em 07 agosto 2008.

MOYA, Álvaro. *História das histórias em quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

____.; CIRNE, Moacy (org.). *Literatura em quadrinhos no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2002.

PCN - *Ensino Fundamental*. Disponível em: <<http://www.zinder.com.br/legislacao/pcn-fund.htm#3-Org>>. Acesso em: 17 setembro 2008.

RAMA, Ângela (Org.); VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*, São Paulo: Contexto, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

STEINBERG, Shirley. *Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações*. In: *Identidade Social e a Construção do Conhecimento*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Secretaria de Educação, 1997.

VIDAL, Eloísa Maia. Et al. *Educação, informática e professores*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002.